

L. L. Fil.

Worth
5467

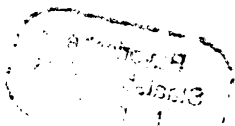


L. lat. f. 546 t

lusit.

Regras

REGRAS
DA
VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.



BAHREIN
AN
ANDERSON'S CAPITAL

Bayrische
Staatsbibliothek
München

REGRAS
DA
VERSIFICAÇÃO
PORTUGUEZA,
POR HUM ANONIMO.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA,

MDCCLXXVII.

Com licença da Real Meza Censoria.



A Q 1411

ADVERTENCIA DO EDITOR.

TODOS sabem que a Verificação he esta Arte, ou modo de se formarem os Versos; ou aquelle tom, e cadencia dos mesmos Versos; por ella se entende ordinariamente o que o Poeta faz, e executa pelo seu trabalho, arte, e regra, mais do que pela sua invenção, genio, e enthuziasmo. A materia, e objecto da Verificação consiste em

em fillabas longas , e breves, e nos pés que se compoem destas fillabas. A sua fórma he a disposiçãõ destes pés em Versos correntes , numerosos , e armoniosos. E como poderá te- cer , e ataviar os seus Versos com numero , e harmonia aquelle que estiver pobre do conhecimento d'aquellas noçoens , que conduzem para a sua perfeiçãõ ? Logo assentados estes principios , devemos concluir , que para a Rima ha muita necessidade da Versificaçãõ. E poder-se-hãõ ouvir os Versos de quem não souber , que cou- sa he Versificaçãõ ? Certamente não. Que desordens não appa- re-

recem? Que monstrosidades
 não ouvimos?

Póde-se na verdade fazer
 as regras, que servem para a
 construcção dos Versos, co-
 nhecer exactamente os nomes,
 as definições, e qualidades
 proprias a cada genero de Poe-
 sia, sem que por isso alcance
 o respeitavel, e magestoso no-
 me de Poeta: estes conheci-
 mentos são uteis, porém seja-
 me licito dizello assim, são o
 exterior, a casca, e a meca-
 nica da Poesia, mas tudo he
 util, e necessario.

As Artes Poeticas não tra-
 zão destes conhecimentos, por-
 que suppoem estes principios

já

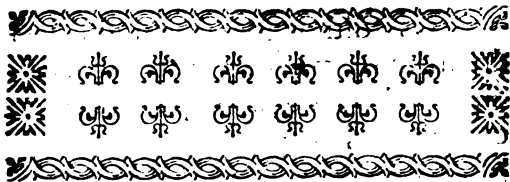
já sabidos. Mas a infelicidade
 he, que muitos não só os não
 aprendetaõ, porém não tem
 por onde aprendaõ. Vindo-me
 á mão este pequeno Tratado da
 Verificação Portugueza, e co-
 nhecendo a sua importancia,
 e a falta que temos destas no-
 çoens me animei a imprimillo,
 para que, os que principiaõ
 neste estudo saibão evitar as
 monstruosidades, rusticidades,
 aspereza, e hum ar de proza,
 que quasi sempre se encontra
 na maior parte dos versejado-
 res, que como huns Rabúlas
 de Poesia, tanto desinquiet-
 taõ os nossos ouvidos com
 os seus mal conceituados, e
 pou-

pouco armoniosos Versos.

Creio que o corpo dos sabios desta Monarquia não desprezará este meo desejo , que tanto se emprega em lhedar cousa util , necessaria , e proveitosa , para que a Mocidade Portugueza se eduque solidamente , e aprenda por Arte , não por costume.

RE-

THE
MAGAZINE
OF THE
SOCIETY OF
MUSICIANS
AND
MUSIC
TEACHERS
OF THE
UNITED
KINGDOM
AND
IRELAND
PUBLISHED
BY THE
SOCIETY OF
MUSICIANS
AND
MUSIC
TEACHERS
OF THE
UNITED
KINGDOM
AND
IRELAND
1911



REGRAS BREVISSIMAS

DA

VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.

VERSO he huma oração , ou parte do discurso , ligada , e medida por hum certo numero de syllabas longas , e breves.

Syllaba he huma letra vogal , posta por si só , ou unida com huma , ou mais letras consoantes , que formaõ huma prolação da voz , e destas se compoem as pallavras , como se vê neste verso :

E-vós-ó-bem-naf-ci-da-se-gu-ran-ça.

Os

Os dithongos fazem syllabas do mesmo modo que as vogaes, ou simples, ou acompanhados de consoantes, v. g.

Qu'eu-can-t'o-pe'i-t'il-lu-stre-lu-si-ta-no.

O dithongo se forma de duas letras vogaes, as quaes se pronunciaõ de huma só vez; mas conservando o som de ambas, sem espaço no meio, v. g. *eu*, aonde se pronuncia o *e* confundido com o *u*, e não e u separadas, o que fazia duas vogaes, e não hum ditongo.

De todas as vogaes se fazem dithongos na nossa lingua; porém os mais frequentes são: *ay*, *ai*, *ao*, *aõ*, *au*, *ey*, *ei*, *eo*, *eu*, *io*, *oe*, *oi*, *ui*, como se vê nas palavras: *pay*, *vai*, *mão*, *leão*, *pauza*, *ley*, *dei*, *ceo*, *men*, *abrio*, *poem*, *foi*, *cuidado*.

Syl-

Syllabas longas.

Na lingua Portugueza syllaba longa he aquella , em que se acha o acento predominante de cada palavra , e todas as mais da mesma dicção são breves.

Do accento predominante.

Accento predominante he aquelle som , com que ferimos huma syllaba da dicção , levantando nella mais a voz : este póde estar na ultima , como em *fará* , ou na penultima , como em *batálha* , ou na antepenultima , como em *bárbaro*.

Differentes qualidades de versos.

As diferentes qualidades de Verso , de que usamos no nosso
vul

vulgar idioma, são : primeiro, *Ver-
so Heroico*: segundo, *Heroico que-
brado*: terceiro, *Redondilha maior*:
quarto, *quebrado de Redondilha
maior*: quinto, *Redondilha menor*:
sexto, *Verso de Arte maior*: seti-
mo, *Quebrado de cinco syllabas*: oi-
tavo, *Verso de dez syllabas*.

Verso Heroico, que tambem
se chama Italiano, ou Endecasyl-
labo, compoem-se de onze sylla-
bas, das quaes a sexta, e a dé-
cima devem ser longas, e a ulti-
ma breve, as outras podem ser
breves, ou longas, dispostas por
vários modos, v. g.

Por-ma-res-pun-ca-d'an-tes-na-ve-ga-dos.

Pa-s-sa-rá-a-in-d'a-lem-da-Ta-pro-ba-na.

Heroico quebrado consta de
sete syllabas, a sexta sempre lon-
ga, e a sétima breve, e as cinco
anteriores ou breves, ou lon-
gas, como melhor parecer, v. g.

A-Lu-fi-tá-na-gen-te.

Por ar-mas-fan-gui-no-sas,

Tem-del-l'ê-se-nho-ri-o.

Redondilha maior tem oito syllabas, a sétima longa, a oitava breve, e as outras seis ou breves, ou longas, variamente dispostas, v. g.

Es-cre-vem-va-rios-Au-tho-res,

Que-jun-to-da-cla-ra-fon-te

Do-Gan-ges-os-mo-ra-do-rés

Vi-vem-do-chei-ro-das-flo-res,

Que-nas-cem-na-quel-le-mon-te.

Verso quebrado de Redondilha maior tem quatro syllabas, a terceira longa, e a quarta breve, e as outras duas ou breves, ou longas.

Le-van-tan-do

As-pe-dri-nhas,

E-as-con-chi-nhas

Ru-bi-cun-das.

Redondilha menor compoem-se de seis syllabas, a quinta longa,

ga »

ga, a sexta breve, as outras poderão ser breves, ou longas, deste modo:

En-tr'e-stes-pe-ne-dos,
Que-d'a-qui-pa-re-cem
Ver-des-er-vas-cres-cem
Al-tos-ar-vo-re-dos.

De dois Versos de Redondilha menor se forma o Verso chamado de Arte maior. Este genero de Verso não he muito usado entre nós. Dos poucos, que fez Camoens he o seguinte:

Não-há-formo-su-ra-que-não-pre-ce-da-is.

Quebrado de cinco syllabas tem a penultima longa, e a ultima breve, e as mais á vontade do Poeta, desta forte:

De-mim-tão-lon-ge
Fal-fos-a-mo-res.

Ha tambem huma especie de Versos de dez syllabas, chamados vulgarmente de Gregorio de Mat-tos:

tos : tem pouco uso , e são proprios para a Satyra. Tem a terceira , sexta , e nona syllabas longas , a ultima breve , e as outras arbitrariamente longas , ou breves , v. g.

O'-Lis-bo-a-ci-da-de-fa-mo-sa.

Todas estas especies de Versos , de que tenho fallado , pódem ter huma syllaba de menos , quando a ultima for aguda , por cahir sobre ella o accento predominante , e se chamaõ entaõ Versos agudos , v. g.

No-vo-mo-do-de-mor-t'e-no-va-dor.

Pódem tambem ter huma syllaba de mais , se a ultima dicção for *Exdruxula*. (1)

b

Se

(1) Palavras *Exdruxulas* são , as que tem o accento na antepenultima , como *próspero* , *tremulo* , *bárbaro* , &c.

Se-mo-stra-va-no-ar-ro-bu-ft'e-vá-li-da:

Porém hoje não são permitidos nos Versos Heroicos os *agudos*, e muito menos os *Exdruxulos*, não obstante haver exemplos de bons Poetas.

Virtudes do Verso.

As virtudes principaes do Verso são: a *armonia*, e boa *cadencia*; a primeira se consegue pela bem disposta variedade das letras vogaes, evitando a desagradavel monotonia das mesmas muitas vezes repetidas.

A boa cadencia consiste no justo numero, e devida quantidade de syllabas, e bom uso das figuras metricas, e em fugir dos hiatos, e collisoens, que fazem a dureza do verso.

Os hiatos se commettem, quando

do se ajuntão seguidamente duas, ou mais vogaes. v. g. *começa a alvoroçar-se*; porque obrigaõ a ficar com a boca aberta o largo espaço, em que se pronunciaõ.

As collisoens resultaõ do concurso das letras consoantes asperas, como *rr*, *ss*, *xx*, *zz*, que difficultaõ a pronuncia, e offendem o ouvido, v. g. *Guerras Romanas*, &c.

Tambem desagradaõ, e offendem o ouvido as *cacafonias*, que procedem da concurrencia de algumas syllabas de duas dicçoens, ás quaes formaõ huma terceira palavra indecente, v. g. *Alma minha Mas morra*.

Dos Poemas.

Os Poemas se compoem, ou de Versos soltos, a que hoje chamaõ *Branços*, ou de Versos Rimados.

dos em consoantes , ou toantes. Em Verso solto se podem escrever Poemas grandes , como : *Epopêas* , *Tragedias* , *Comedias* , *Ecolgas* , e *Odes* .

Em Verso Rimado se escrevem Poemas breves , como : *Sonetos* , *Oitavas* , *Elegias* , *Odes* , *Lyras* , *Decimas* , *Quintilhas* , *Quartetos* , &c.

Os Toantes tem seu uso sómente nos Romances.

Das Rimas.

Rimas , ou consoantes são as palavras , que do accentto predominante até o fim tem as mesmas letras sem variedade alguma , v.g. *affinaládos* , *esforçados* , &c.

Toantes são aquellas palavras , que do accentto até o fim tem as letras vogaes ; mas differentes letras consoantes , v. g. *féras* , *licênças* , *bellêzas* , *setta* .

Dos

Dos diferentes generos de Verso , de que temos tractado , se formaõ varias especies de Poemas : dos Heroicos , como Sonetos , Oitavas , Elegias , Cançoens , Romances endecasyllabos , &c.

Dos Lyricos (nome , que se dá a toda a qualidade de Verso , que tem menor numero de syllabas , que o Heroico) se compoem *Odes* , *Décimas* , *Quintilhas* , *Lyras* , *Endechas* , *Vilhancicos* , *Minuetas* , *Arias* , &c. ; cada obra destas com o seu respectivo metro.

Alguns Poemas há , nos quaes entraõ Versos de diferente medida , como Heroicos , e quebrados de sete , ou cinco syllabas , de Redondilha , seus quebrados , &c. Estes são mais ordinariamente as *Sylvas* , *Cançoens* , *Odes* , *Lyras* , e outros.

Cada especie de Poema tem suas diferentes leis , tanto para a qualidade de metro , em que ha

ha de ser escripto , como para o numero de Versos , de que deve constar todo , ou cada huma das suas *Estancias* , *Ramos* , ou *Estrofas* ; e para a correspondencia dos consoantes ; porém como tudo isto se aprende melhor com os exemplos , do que com os preceitos , que por extensos ficam sendo , quasi inuteis ; por isso melhor será lêr hum Soneto , ou outro qualquer Poema com reflexão ; para ficar perfeitamente instruido no seu mechanismo , e artificio material. Para este fim se lerão os melhores Poetas ; e especialmente o nosso Camoens , aonde se encontram exemplos para toda a qualidade de Versos , e Poemas. Deve habituarse o Poeta principiante ao Ritmo , e Cadencia Metrica , observar os bons pensamentos , e imagens , e todo o mais artificio Poetico , e Rhetorico.

E pe-

E pelo que pertence aos Assumptos, sua invenção, e disposição, deve recorrer-se ás Poéticas, aonde estas coisas pertencem.

Figuras do Metaplasmo applicadas á Verificação vulgar com exemplos de Camoens.

Metaplasmos palavra Grega, que vale o mesmo, que transformação, significa aqui huma construcção figurada, pela qual a recta, e usada forma das palavras se muda em outra nova por necessidade do numero, cadencia, e harmonia do Verso, o que tudo se faz accrescentando, diminuindo, ou mudando letras de alguma dicção; ou fazendo longas as syllabas breves, ou pelo contrario breves as longas. E isto, que na prosa he barbarismo, no Verso he necessidade, licença poetica, e *Metaplasmo*.

As suas especies mais ordinarias

rias na Verificação vuigar são de-
oito das quaes a *Synalépha*, *Synéresis*, *Diéresis*, e *Eclipsis* não só-
mente são permittidas a todos os
Poetas; mas necessarias na metre-
ficação de qualquer idioma. Todas
as mais só se devem usar com
grande moderação, e em Poemas
grandes, das quaes tratarei aqui;
para que, quando se encontrarem
nos antigos, não se lhe imputem
a erro.

Synalépha he quando huma pa-
lavra acaba em vogal, e a seguin-
te principia tambem por vogal;
porque então se perde a dita vo-
gal ultima da palavra antecedente,
e só se faz menção da vogal pri-
meira da palavra seguinte, v. g. *cu-
ja alta*, aonde se perde o *a* de *cu-
ja*, como se vê neste Verso:

Cuj' alta lei não pôde ser quebrada.

Tambem se faz *synalepha* con-
correndo tres vogaes, supprimin-
do

do as duas antecedentes, v. g. *mas dos onze a illustrissima*, &c. que se mede :

Mas-dos-on-z' il-lu-stris-si-ma com-pã-nha.

Dialepha he, quando concorrendo vogaes no fim de huma dicção, e principio da outra, em que pela régra precedente se devia fazer *synalepha*, se não faz, e se conta cada vogal por distincta *syllaba*: o que succede de ordinario, quando a primeira dicção he de huma só vogal, ou quando se poem *accento agudo*, na que devia ser tirada pela *synalepha*, como se vê nos Versos seguintes :

O-Im-pe-río-to-mar-a-Con-stanti-no.

A-thé-os-que-s'a-Decs-om-ni-po-ten-te.

Aonde no primeiro Verso ha *Dialepha* entre *O*, *Im*, por ser a primeira dicção, ou artigo de huma só letra. E no segundo entre *athé*, e *os* por ter *accento* no *e*. Tambem se faz *Dialepha* para mais gravidade do Verso. *Sy-*

Syneresis he , quando duas vogaes em huma palavra valem huma só , não sendo dithongo , v. g. *historia*.

Naõ-me-mañ-das-con-tar-estra-nha-hi-sto-ria : aonde historia tem só tres syllabas por fazer *Syneresis* no *ia*.

Dieresis , ou *Dialisis* he , quando huma syllaba se divide em duas , o que succede nos dithongos , separando as duas letras , que o compoem , para encher a medida do Verso , v. gr. a pallavra *pay* no Verso seguinte he de duas syllabas , não obstante ser dithongo :

Cha-man-d'a-May-cru-el-in-ju-ist'o-Pa-y.

Eccēhlipsis he , quando a letra *m* com a vogal , que lhe precede se perde , seguindo-se outra vogal : e he tão usada esta figura na nossa lingoa , que vindo o *m* em alguma proposição , e seguindo-se vogal v. g. *com os arcos* , *com o terreno* , já por costume se não escreve o *m* , e sómen-

mente se poem hum apóstrophe no
C:

C'os-pa-nos-e-c'os-bra-ços-a-ce-na-vaõ.

Crasis he huma especie de syneresis ; e se faz quando dentro da mesma palavra concorrem duas, ou tres vogaes (aindaque alguma dellas tenha a força de consoante) as quaes se supprimem , ou huma , ou duas , não só na medição do Verso ; mas ainda na Orthografia. Na metrificação vulgar he pouco usada esta figura : os Poetas Latinos escrevem em virtude della *bobus* por *bovibus* , *Di* , por *Dei* , *ditum* , por *divitum* , &c. , no nosso Camoens só achei *lizonge* em lugar de *lizongee* , de *noda* , por *nodaa*.

Por-q'a-Fa-ma-t'ex-al-t'e-r'e-lizonge.

A-for-tu-n'in-qui-e-ta-pôr-lhe-no-da.

Systole he a figura pela qual se faz breve a figura , que de sua natureza era longa. A palavra *Samaría* tem o accentto no *i* , que entre

entre nós he , o que faz a syllaba longa , e por virtude desta figura ficou breve no Verso seguinte :

Naõ-to-ca-va-n'a-gen-te-de-Sá-ma-ria.

Diastole , ou *Ectasis* ; faz longa a syllaba , que de sua natureza era breve ; como *Dáριο* , *Prótheo* , *idolátras* , como nos Versos seguintes :

O graõ poder de *Dario* estrue , e rende.

Que do gado de *Proteo* são cortadas.

A golpes d' *Idolátras* , e de *Mouros*.

Prothesis he a figura , pela qual se augmenta huma letra no principio de alguma palavra , v. g. *atambores* por *tambores*.

Soão os *atambores* , e *pandeiros*

Epenthesis accrescenta alguma letra , ou syllaba no meio da dicção , v. g. *terminos* , *descendêo* , *ridiculosa* em lugar de *termos* , *descêo* , *ridicula* :

Os *terminos* , que eu vou buscando agora.

Sobre a terra *Africana* *descendêo*

Que com *ridiculosa* fantasia.

Pa-

Paragoge, ou *Proparalepsis*, he quando se augmenta alguma letra no fim da dicção. v, g. *architetor*, *rapace*, *pertinace*, *error*, *atroce*, *fuguce*, &c., como nos Versos seguintes:

O grande Architetor c'o Filho dando.
Para taxar, com maõ rapace, e escaffa.
Da vossa pertinace confiança:
Que ainda co'cego error se não contenta
Mas o animal atroce nesse instante,
Aqui a fugace lebre se levanta.

Apheresis he quando se tira huma letra no principio de alguma palavra como nestas, *maginação*, *liança*, *estruídos*.

Maginação os olhos me adormece.
E se queres com pactos, e *lianças*.
Mas agora *estruídos* o pagaraõ.

Syncope he a figura pella qual se tira alguma letra, ou syllaba do meio da palavra, como *cuidosos*, *imigos*, *feridade*, *nado*, &c. por *cuidadosos*, *inimigos*, *ferocidade*, *nascido*.

No

No futuro castigo não *cuidosos*.
 Contra a ley dos *imigos* Sarracenos.
 Poem-me onde s'uze toda a *feridade*.
 Nós Hungaro o fazemos, porém *nado*.

Apocope he , quando se tira alguma letra no fim da palavra , v. g. *mi* por *mim*.

Mas d'a que se me faz tambem a *mi*.

Antithesis he , pôr huma letra em lugar de outra , v. g. *sento* , em lugar de *sinto* , *appetitos* por *appetites*.

Assi que em caso tal , segundo *sento* ,
 Não c'os nuñca vencidos *appetitos*.

Metathesis he a transposiçaõ de alguma letra , como *Capitainx* em lugar de *Capitania*.

A ancora solta logo a *Capitainx*.

Paralage he , pôr huma proposiçaõ em lugar de outra , v. g. *convocando* por *invocando* :

A ajuda *cõvocado* do Alcoraõ.

Tmesis he , a que divide alguma palavra , mettendo-lhe outra , ou mais de permeio. O nome *Dinamene*

namene ficou interrompido no exemplo seguinte :

Torna a fugir-me, e eu gritando *Dina*
Antes que diga *meus*, acordo, e vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

F I M.



